

NO CENTENÁRIO DE ANTÓNIO DE ALMADA NEGREIROS

Cumpre-se hoje — dia 15 de Agosto — o primeiro centenário de António Lobo de Almada Negreiros, que, na história da administração ultramarina, se celebrizaria como autor de *História Ethnographica da Ilha de S. Tomé*. Não que esta seja a sua única obra dedicada a problemas ultramarinos. Mas a única que António de Almada Negreiros escreveu e publicou em língua portuguesa em 1895. E tão importante é esta obra que tudo aquilo que se vem escrevendo sobre o arquipélago crioulo traz a sua marca de origem, para além de um ou outro nome, complementares, diante desta polarização de saber, de observação, de crítica e de investigação. E, já agora que o primeiro centenário de nascimento de António de Almada Negreiros se processa, se cumpre, se concretiza, bom seria que o seu livro essencial para se estudar S. Tomé e Príncipe, para se conhecer, no tempo e no espaço, S. Tomé — saísse da estante das coisas raras e *ad usum delphini* para entrar, arejadamente, nas livrarias de todos os estudiosos. Não se compreende, efectivamente, que tenha sido esse o destino do volume mais importante, dentre toda a bibliografia referente a S. Tomé e Príncipe: encontrar-se o livro na classificação perpétua dos *esgotados*, sem que nenhuma entidade particular ou oficial se resolva a editá-lo! E, no entanto, quantas coisas inúteis para aí vêm a luz da publicidade, incluindo algumas que respeitam, exactamente, ao arquipélago a que António de Almada Negreiros deu o melhor da sua inteligência governativa e o melhor da sua inteligência de investigador.

Nascido em Aljustrel, António de Almada Negreiros, antes de ser a primeira figura do século XIX são-tomense, foi jornalista e escritor na Metrópole, além de funcionário público (nos Correios), função que deixou de exercer para se deslocar para a administração ultramarina, em 1889, onde o seu nome, sem paixões e sem demagogias, ocupa um dos lugares primeiros, num momento em que, realmente, grandes homens, em todos os campos de acção, ligaram o seu nome à arrancada ultramarina. Teve contra si o facto de, em S. Tomé, não haver o campo de lutas bélicas que ensanguentaram Moçambique e Angola. A não ser essa ocorrência, ele não tem de que se envergonhar ao lado de personalidades como António Enes, seu par civil na governação de Moçambique. Por isso não nos espanta a sua obra, a sua vasta e profunda obra — já como puro administrador, já como intelectual que havia de ser mandado para Paris, em 1899, a fim de organizar a participação dos territórios portugueses ultramarinos, na célebre Exposição Uni-

POR

AMÂNDIO CÉSAR

versal de 1900. Dessa sua acção dará em volume que vejo pouco falado, por de todo desconhecido dos presentes ou actuais, o volume *Colonies Portugaises*, exactamente referendado à *Exposition Coloniale de Paris* de 1906, e em cujo *Avant-Propos* ele, António de Almada Negreiros, podia escrever, num saber de passada experiência feito: *Ce que reste des Expositions — ces enghémères manifestations du génie humain — ce n'est pas simplement le maigre résultat immédiat de l'œuvre de propagande poursuivie tout d'abord. Les expositions fournissent toujours matière à la publication de livres et à la critique seretne*

(Continua na pág. seguinte)

artes e l

NO CENTENÁRIO DE ALMADA NEGREIROS

(Continuado da pág. anterior)

de la presse. Ce qui revient à dire, en d'autres termes, qu'une exposition est toujours une œuvre fructueuse — tant comme moyen d'action que comme résultat utilitaire et pratique. Mais il faut savoir — sans en oublier une seule — tirer parti, en temps utile, de toutes ces diverses particularités, dont, indiscutablement, la portée incalculable. L'étalage suggestif des produits exposés, n'est que le commencement d'un travail qui demeurera stérile, si — en le considérant comme le préface fondamentale de subséquentes études — on en oublie la réalisation complète et intégrale. Veja-se como, à distância de sessenta e dois anos, António de Almada Negreiros tinha a noção da medida exacta da nossa participação séria em certames internacionais, onde estivesse na sua total expressão a presença ultramarina. E, ao cotejar-se esse volume a que fiz referência, poderá verificar-se a exactidão das informações, numa inteligência bem formada e informada para o poder fazer. Não era um folheto anónimo que, então, se mandava para Paris. Era um estudo lucidíssimo que se punha ao alcance de todos os interessados — e eram,

então, muitos como muitos o são hoje, todos aqueles que se interrogavam acerca dos territórios portugueses de além-mar e seu consequente destino e futuro.

António de Almada Negreiros sabia bem o valor desses territórios, não só sob o ponto de vista histórico de pertença, como no sentido económico de valia. No tempo esta perspectiva pode espantar os menos versados na personalidade daqueles que, no século XIX, se ocuparam de problemas ultramarinos. Não só da relatividade espacial que lhes fora confiada. Mas o País foi sempre um todo e como tal devia ser encarado e estudado. E neste plano que avulta a figura intelectual deste grande homem do Ultramar, que tem andado lamentavelmente esquecido dos políticos, até talvez por ele não ser político. Serviu a sua Pátria na monarquia e na república, porque para lá dos regimes, mais ou menos discutíveis, havia a Pátria. E dessa é que ele era oriundo, não de nenhum sector político, nela variável. Tal como havia de acontecer (e aguentando com todas as malevolências) com o general João de Almeida, em Angola.

Pois esse país que era um todo, estudou — o António de Al-

mada Negreiros, como poucos o fizeram, na sua dimensão maior: a do Ultramar. Basta cotejar a sua bibliografia para se ver que assim é. Repare-se nos títulos da obra que nos deixou como testemunho de um interesse dimensionado para a totalidade e não para a fracção: *L'Ile de San-Thomé, L'Angola, La Main-d'œuvre en Afrique, Colonne Commémorative (pavillon) de Diogo Cão, L'Épopée Portugaise, L'Agriculture dans les Colonies Portugaises, Le Mozambique, L'Organisation Judiciaire aux Colonies, L'Instruction dans les Colonies Portugaises, Le Cacao Portugais et la Main-d'œuvre Indigène, Ma-cau*, etc., entre outros títulos.

Homem sempre atento aos fenómenos mundiais, num centro vital da humanidade — Paris —, António de Almada Negreiros nunca perdeu de vista os rumos do viver internacional que tivessem implicações com o nosso próprio viver, já metropolitano, já ultramarino. O resto da sua bibliografia daria elementos mais largos para esta afirmação, da mesma forma que a sua colaboração jornalística, dispersa por jornais como «Patriota», «Meio Dia», «O País», «O Século», «Diário Popular» e «Correio da Noite».

Nestas notas breves quero apenas chamar a atenção para o centenário de um grande homem do Ultramar, que, para mais, foi também um extraordinário intelectual. A distância de cem anos a sua personalidade avulta de uma forma que não deixa dúvidas. Saibamos ser-lhe gratos por tudo o que lhe devemos, ontem e para hoje. Sobre tudo façamos um esforço — grande ou pequeno, não interessa — para que a sua obra volte a ser cotejada por todos aqueles que, hoje em dia, se preocupam com o destino do nosso Ultramar. Esses são muitos, e não arriscarei baldadamente a opinião de dizer que, esses, são a grande maioria e a parte válida da grei. Para esses é que se torna urgente trazer ao convívio António de Almada Negreiros, através da sua obra. Da publicada e esgotada e da que jaz no pó do esquecimento em muitas laudas de jornal. Devemos-lhe isso. Não nos deixemos ficar na atitude insólita... do mau pagador.